

TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL: A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA SERRA DO TEPEQUÉM – AMAJARÍ – RORAIMA

Eweline Mikaelly Gomes Monteiro¹
Érika Oliveira Lima²

Resumo

O objetivo principal deste estudo foi de investigar a participação dos atores sociais envolvidos no processo de desenvolvimento do turismo, considerando a contribuição e os impactos socioeconômicos que o turismo trouxe para a comunidade da Serra do Tepequém, município de Amajari – RR. Essa região ainda guarda um patrimônio natural bastante reservado, que está sendo ameaçado pela chegada massiva de turistas sem responsabilidade social. No entanto, as questões que permeiam a participação comunitária constituem desafios para o desenvolvimento local de comunidades receptoras. Por isso, a presente pesquisa volta sua atenção para a comunidade que é o principal ator afetado com os avanços do turismo. Para isso, esta pesquisa optou pela abordagem do estudo de caso e utilizou como técnicas de coleta e análise de dados a observação participante das rotinas, comportamentos e hábitos da comunidade a partir do objeto em estudo, vislumbrando suas opiniões quanto ao atual modelo de turismo desenvolvido e seus impactos. Ao final da pesquisa foram elaboradas conclusões, como resultados da pesquisa, que permitiram desenvolver estratégias de manejo para minimizar os possíveis impactos socioeconômicos e entender os anseios e os desejos comunitários sobre o turismo que se desenvolve na Serra do Tepequém.

Palavras-chave: Participação comunitária. Turismo. Desenvolvimento local.

¹ Tecnóloga em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Av. Glaycon de Paiva, 2496 - Pricumã - Boa Vista – RR, CEP: 69.303-340 - Fone/Fax: (095) 3621-8000 / 3621-8021, (2) IFRR. E-mail: welinemonteiro@yahoo.com.br

² Mestre em Turismo e Meio Ambiente. Bacharel em Turismo. Professora Orientadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Av. Glaycon de Paiva, 2496 - Pricumã – Boa Vista – RR, CEP: 69.303-340 - Fone/Fax: (095) 3621-8000 / 3621-8021, (2) IFRR. E-mail: erikaolima@yahoo.com.br

1 Introdução

O fenômeno turístico, nos dias atuais, orientado pelo prisma social, busca incentivar o processo de inclusão social da população, por meio do fomento de atividades econômicas que promovam o desenvolvimento humano e coletivo de forma equilibrada e socialmente justa (LIMA, 2005). Esse fenômeno tem como objetivo principal a geração de renda utilizando os recursos naturais, que por ora são explorados e apropriados (DIAS, 2003).

Assim, o fenômeno turístico cresce com o desenvolvimento tecnológico de vários setores e com as mudanças econômicas ocorridas, principalmente, no final do século XX, sobretudo no pós-guerra, quando se observou que as atividades turísticas tinham significância tanto econômica, quanto social, especialmente para países em desenvolvimento como o caso do Brasil, que atrai a atenção de profissionais, pesquisadores, empresários e turistas com diversas motivações e propósitos para buscar os destinos turísticos (SOUZA, 2005).

Desse modo, essa crescente demanda pelo turismo traz junto de si dois aspectos fundamentais: um positivo e um negativo. O impacto positivo é a geração de emprego e renda que potencializa benefícios comunitários e tenta minimizar a diferença e a desigualdade social. O impacto negativo é o crescente interesse de turistas por ambientes naturais frágeis e a rápida disseminação deste tipo de atividade com capacidade de alterar o meio ambiente em curto espaço de tempo (DIAS, 2003). A identificação dos impactos negativos permite encontrar soluções que diminuam os efeitos destrutivos do turismo às comunidades receptoras e no meio ambiente, garantindo o bem-estar dos atores sociais.

Atualmente, garantir o bem-estar das populações é, para Silva (2001), colocar a comunidade em destaque, voltar as atenções para o desenvolvimento local, uma vez que a comunidade receptora é o principal ator no desenvolvimento, implantação, gestão e controle do turismo, pois, a participação garante a sustentabilidade da atividade turística e permite que se identifique as problemáticas locais e as prioridades da população envolvida.

Swarbrooke (2000) tece considerações importantes acerca da participação da comunidade local, afirmando que esta para estar envolvida no planejamento e administração do turismo sustentável, ou seja, o modelo mais ideal que não degrada os

recursos naturais e culturais, a comunidade deve falar em uma só voz, deve sentir que pertence a um grupo que motivados por outras pessoas, se envolvem com os ideais da comunidade.

Para Ghedin (2006) a participação comunitária pode ser entendida como uma organização de pessoas que almejam um objetivo, a partir de assuntos que condizem com as atividades a serem realizadas pela comunidade de forma coletiva.

Assim a participação permite que o processo de organização social intervenha nas decisões e, conseqüentemente, promova o desenvolvimento comunitário.

Por essa razão a presente pesquisa parte do olhar da comunidade receptora da serra do Tepequém, localizada no município de Amajari, que está vivenciando as experiências com o turismo, após depararem-se com um problema que pôs em jogo a sobrevivência dos moradores, sobretudo com a extinção do garimpo, principal atividade econômica da região. Assim, o turismo se tornou uma oportunidade, vista a priori, como impossível, mas que hoje se percebem muitos resultados positivos, especialmente no bem estar da população local.

A relevância de introduzir estes aspectos nas discussões acerca do turismo desenvolvido na Serra do Tepequém é devido ao seguinte fato: do ponto de vista econômico, a maioria das áreas onde são praticadas atividades é tratada como recursos de todos, com livre acesso e, considerados como recursos de propriedade comum, são sistematicamente explorados sem nenhum tipo de preocupação com a manutenção dos mesmos.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância de se pensar no respeito às comunidades locais e na sua preservação mediante a postura ética dos turistas, preocupando-se com a proteção e sustentabilidade do meio natural e sociocultural onde as comunidades estão inseridas.

Isto se remete a pensar no futuro, e de que forma encarar a dignidade da vida e o bem-estar da comunidade com tantas desigualdades sociais, objetivando reverter ou minimizar este quadro, uma vez que o ambiente no qual estas comunidades estão inseridas vem passando por descaracterizações para a construção de diversos atrativos turísticos que

negligenciam a cultura local, apropriam-se das terras para a criação de parques e complexos hoteleiros que estão associados a riscos e injustiças sociais (RODRIGUES, 1999).

Partindo desta análise é que se objetiva mostrar neste estudo a trajetória histórica do turismo que hoje é realidade para os moradores da Serra do Tepequém, município de Amajari – Roraima. No entanto, é necessário o entendimento do antes e depois da chegada do turismo, haja vista se tratar de uma comunidade tradicional, que ainda guarda sua cultura arraigada nos costumes e modo de vida dos moradores. Por isso, cabe a esta pesquisa incentivar uma nova forma de desenvolvimento das atividades turísticas na Serra do Tepequém, visando o envolvimento dos atores sociais desta localidade, partindo do pressuposto históricocultural da comunidade em estudo.

2 Metodologia de pesquisa

A metodologia escolhida se baseou, além da pesquisa bibliográfica e documental, na pesquisa de campo, através das entrevistas semi-estruturadas, definidas como as mais adequadas para atender ao problema a ser investigado. Neste sentido, optou-se para a presente pesquisa a do tipo descritiva, por “observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, reunindo todas as variáveis acima descritas (CERVO, BERVIAN, DA SILVA, 2007, p.61).

Essa fase exploratória inicial, em que começam a ser detectados os problemas, os atores e os tipos de ações possíveis e necessárias, foi essencial para a obtenção de um número significativo de informações que auxiliaram na elaboração de um quadro conceitual que pudesse orientar a presente pesquisa, pela definição de objetivos e fixação de metas que norteariam as ações futuras.

Assim, a pesquisa de campo foi de fundamental importância para que se pudesse entender a relação existente entre as variáveis socioculturais, econômicas e ambientais do objeto em estudo, a fim de entender os anseios e os desejos comunitários sobre o turismo que se desenvolve na área e o grau de envolvimento dos atores sociais no processo de

desenvolvimento do turismo. Entendido que os atores sociais se baseiam na comunidade receptora.

Para tanto, foi necessária a utilização da metodologia de Estudo de Caso descritivo analítico, um tipo de pesquisa de enfoque qualitativo cujo objeto é a análise em profundidade de uma unidade, neste caso específico, a Comunidade da Serra do Tepequém, município de Amajari, Roraima. Para Alencar (2003) o Estudo de Caso não é, em si, uma escolha metodológica, mas a escolha de um objeto a ser estudado, pois é uma estratégia de pesquisa abrangente.

Nesse sentido, as entrevistas semi-estruturadas realizadas com os moradores da comunidade compreenderam uma amostragem de 30 (trinta) entrevistados, que habitam a Serra do Tepequém e que direta ou indiretamente são influenciados pela atividade turística neste local. Também, foram realizadas entrevistas com os donos dos estabelecimentos divididos em dois grandes grupos, conforme classificação do Ministério do Turismo, que são os meios de hospedagem e os meios de alimentação.

Desta forma, foram identificados 08 estabelecimentos, voltados para o comércio alimentício e 06 estabelecimentos que trabalham com o segmento de hotelaria e área de camping. Ressaltando que estes dados serão melhores esclarecidos nas discussões dos dados.

As análises das entrevistas e a observação participativa auxiliaram na compreensão da história da comunidade, de seu processo participativo e do sistema turístico atual existente na comunidade da Serra do Tepequém (construção, funcionamentos, desafios).

Os dados coletados serviram para traçar o perfil da comunidade no que tange o poder de tomada de decisão ou não acerca do turismo desenvolvido nesta localidade, que está inserida no contexto histórico, econômico e político do Estado de Roraima.

3 Estudo de caso: a serra do tepequém

3.1 Localização e Histórico do Tepequém

O estado de Roraima está cortado de norte ao sul pela estrada federal BR-174, com 850 km, une a República Bolivariana da Venezuela com Manaus, passando pela capital do estado, Boa Vista. Todos os municípios se comunicam por essas estradas federais ou estaduais, que formam uma malha viária de 2.851 km, dos quais 937 km estão asfaltados. Destes somente 150 km pertencem ao município de Amajari e apenas 50 km favorecem a Serra do Tepequém (GHEDIN, 2006).

O município de Amajari está localizado no extremo noroeste do Estado de Roraima, distante de 158 km de Boa Vista, capital do Estado. Faz fronteira ao norte com o município de Pacaraima e Venezuela, ao sul com os municípios de Alto Alegre e Boa Vista, ao leste com Boa Vista e Pacaraima e a oeste com a Venezuela. De acordo com os estudos realizados por Ghedin no ano de 2006, na mesma região de estudo pode-se retirar algumas informações acerca do município de Amajari, berço que abriga a Serra do Tepequém. Este município foi criado em 1995 com uma área de 28.598,40 km². A população residente desta área é de 5.299 habitantes, dos quais 56% são homens e 44% são mulheres. Este mesmo estudo aponta, com base nos dados do IBGE que área urbana habitada, representa 17%, ao passo em que 83% das pessoas que vivem ali moram em áreas rurais. Uma parte do município é formada por área indígena Yanomami e Terra Indígena São Marcos.

Conforme aponta Ghedin (2006), o município de Amajari teve seu surgimento com um pequeno grupo de pessoas que se instalou, tendo o comércio como principal motivo, às margens do rio Amajari, esta área passou a ser conhecida como Vila Brasil, que logo passou à condição de município. Esta região conta com outros núcleos populacionais, tais como a Vila do Tepequém, objeto de estudo e o Trairão, com marco para a atuação de garimpeiros que formaram a economia do estado, na primeira metade do século XX.

A Serra do Tepequém está localizada no município de Amajari, a 250 km da capital de Boa Vista. O acesso é possível por via terrestre, pela BR-174, com estrada à esquerda no km 100, no sentido Brasil/Venezuela. Seguem-se mais 55 km de estrada da RR-203, até a Vila Brasil, sede do município de Amajari e mais 100 km de estrada em boas condições de tráfego e um cenário encantador, chega-se a Serra, definida pelas seguintes coordenadas 3°46'-3° 51' N / 61° 40'-61° 49' W (BRIGLIA, 2005). O clima da região é caracterizado por

duas estações bem definidas: uma estação seca, com início no final de dezembro, estendendo-se até meados de abril; e uma estação chuvosa, entre maio e novembro, com precipitações pluviométricas anuais de cerca de 2250 mm. As temperaturas médias máximas e mínimas giram em torno de 32°C e 20°C, respectivamente. Já nas áreas de maior altitude registram-se temperaturas mais baixas (MELO e ALMEIDA FILHO, 1996).

A Serra Tepequém constitui uma área com características particulares no ambiente amazônico, onde predominam solos arenosos e friáveis cobertos por vegetação rala formada por campos limpos (MELO e ALMEIDA FILHO, 1996). Do ponto de vista geológico a região localiza-se no Escudo das Guianas, entidade tectônica integrante do Cráton Amazônico, compondo uma imensa cadeia de montanhas que recebe várias denominações, entre elas: Pararaima e Parima, com altitudes médias de 1.500 m e de acordo com os mesmos autores é formada por conglomerados, arenitos finos, siltitos, argilitos, arenitos grosseiros a conglomeráticos com intercalações de conglomerados. É cortada por vários rios que formam grandes e belas quedas d'água.

De acordo com Ghedin (2006) a história da Serra do Tepequém está intimamente relacionada com a prática do garimpo na região desde 1936, ao mesmo tempo em que havia trabalhos nas fazendas de gado. A atividade garimpeira se intensificou nas décadas de 1950 e 1960, quando houve o auge do garimpo de diamante, atraindo a atenção de grande parte das pessoas.

Por volta da década de 1930, divulgaram-se notícias sobre a abundância de ouro e diamantes nessa região amazônica, especialmente nas fronteiras de Roraima com a República Bolivariana da Venezuela e de Roraima como a Guiana Inglesa. A partir disso, grupos de comerciantes e fazendeiros investiram na mineração, como também chegaram garimpeiros de várias áreas brasileiras, buscando riqueza sem esforço. Em 1943, a produção de ouro e diamante representaram cerca de 59,6% do valor total da produção em Roraima (OLIVEIRA, 2003).

Os estudos de Brígida (2005) sobre a *História e Cultura Garimpeira de Tepequém: produtos do ecoturismo*, afirmam que na Serra do Tepequém encontram-se a Vila do Cabo Sobral e a Vila do Paiva. A primeira foi uma homenagem ao militar que se instalou na

região por volta da década de 40 para a exploração de grandes quantidades de diamantes no igarapé da referida vila. De acordo com os relatos dos habitantes mais antigos, foi nessa vila que se iniciou a história do garimpo no Tepequém.

Já a Vila do Paiva, concentra hoje a maior comunidade da Serra. Em 2005, viviam aproximadamente 150 pessoas morando na parte central do Tepequém, porém atualmente, conforme relatos orais dos moradores da serra, esse número vem aumentando, pois vivem aproximadamente 105 famílias, com média de três membros por família, totalizando um número superior a 300 pessoas habitando este local. O nome da Vila do Paiva também é homenagem a um homem que lutou pela construção da primeira pista de pouso no Tepequém, e também nomeia o igarapé que está próximo à Vila (BRIGLIA, 2005).

Os habitantes da Vila do Paiva são originários das primeiras famílias de garimpeiros que ali viveram e tinham uma riqueza cultural infindável, devido à grande ilusão de se tornar rico com a atividade garimpeira. Mas em 1985 pelo decreto de lei federal o garimpo de qualquer espécie estava terminantemente proibido. No entanto, esta lei não foi cumprida pelos nativos, haja vista ser a única atividade econômica vigente na época. Assim, em 2001 o Congresso Nacional aprovou a lei complementar que autorizava a prática do garimpo de forma manual, sem a utilização de maquinários, que ocasionasse o mínimo de impacto ambiental na Serra do Tepequém (GHEDIN, 2006).

3.2 Do Garimpo ao Turismo: a herança do local.

A atividade de garimpagem no Tepequém é engrenagem funcional da história de Roraima. A riqueza mineral do estado atraiu os olhares de milhares de pessoas, especialmente os imigrantes nordestinos, responsáveis pelo povoamento de Roraima, e ao mesmo tempo vieram em busca do cobiçado *El Dourado*. Este fato justifica o desenvolvimento rápido do município de Amajari, sobretudo da Serra do Tepequém, berço de uma herança natural de minérios.

A atividade garimpeira é particularmente importante no estado de Roraima, onde é praticada há mais de cinquenta anos, constituindo-se na única fonte de renda de uma parcela substancial da população do estado.

O fator histórico e cultura da Serra do Tepequém estão intimamente ligados à atividade do garimpo, pois a relação de parte dos garimpeiros do Tepequém com a terra que lá desbravaram foi intensa e significativa ao ponto de fazê-los permanecerem na região, utilizando as mais rudimentares ferramentas para garantir sua subsistência.

Os garimpeiros do Tepequém praticamente não tiveram acesso à educação formal. Suas ambições estavam mais relacionadas ao atendimento de suas necessidades básicas e tinham pouca noção dos impactos que a garimpagem representa para o meio ambiente. Suas histórias de vida são dignas de respeito e consideração pelo trabalho desenvolvido e pelo que essa fase representou para o desenvolvimento de Roraima. (BRIGLIA, 2005, p. 10)

Brígliã (2005) aponta que em 1940, no auge do garimpo na Serra do Tepequém, o local já era habitado por mais de mil pessoas, a fim de enriquecer rapidamente, trabalhando dia e noite para encontrar diamante. A grande exploração de minérios nessa região se consolidou até o ano de 1955, pois a partir da década de 60, o garimpo defronta-se com o declínio da produção, haja vista que o diamante iniciava seu processo de escassez.

Dentre as atividades extrativas, o garimpo é a que mais contribui para a degradação do meio ambiente. Desenvolvido através de técnicas rudimentares, tem como conseqüências mais drásticas o desmatamento de matas ciliares e contaminação por mercúrio de igarapés e rios.

A despeito dos problemas ambientais envolvidos, a atividade garimpeira constitui uma importante fonte de renda, talvez a única, para uma parcela significativa da população brasileira na região norte do país.

A despeito do problema social envolvido, torna-se cada vez mais urgente, a necessidade do estabelecimento de normas que possam ordenar e estabelecer alguma forma

de controle da atividade garimpeira. Outra necessidade imediata diz respeito à tomada de ações concretas por parte de órgãos governamentais, direcionadas à recuperação ambiental das áreas já destruídas e contaminadas.

De acordo com Ghedin (2006, p.22) atualmente a Serra do Tepequém apresenta grandes problemas ambientais decorrentes do garimpo, iniciando um processo erosivo surpreendente, mesmo assim:

não se desenvolveu alternativas para solucionar a problemática de satisfazer necessidades atuais dos habitantes desta região, sem comprometer a capacidade das gerações futuras na aplicação das estratégias comunitárias, que permitam a sustentabilidade turística, mediante o emprego de tecnologias eficientes, que produzam trocas nas formas de executar ações que almejem o desenvolvimento turístico.

O Tepequém sofreu grandes impactos ambientais e que podem ser percebidos nos recursos naturais ali localizados, pois o resultado dessa ação está presente nos leitos dos igarapés do Paiva e Cabo Sobral, que hoje tem seu volumen de água reduzido a fios d'água (BRIGLIA, 2005).

O processo histórico da Serra do Tepequém é representado, também, por manifestações culturais que expressam o modo de vida da comunidade: o artesanato, a pesca (por meio do Projeto de Piscicultura), festas tradicionais e a culinária.

Em 2001, a comunidade do Tepequém deparou-se com um problema que colocaria em jogo a sobrevivência tanto econômica como social de seus moradores, pois receberam uma ordem judicial de que estava proibida qualquer atividade de garimpo que utilizasse máquinas de grande porte, ficando acordado que apenas o garimpo manual seria liberado. O Tepequém passou a enfrentar grandes dificuldades de geração de renda, pois a única forma que garantia a economia local era o garimpo.

Diante deste fato, em 2002, a comunidade da Serra do Tepequém participou, conforme Ghedin (2006) do planejamento estratégico do município de Amajari, no qual formularam ações para o desenvolvimento do turismo na região, pois o garimpo havia sido

proibido. Assim, os habitantes começaram a participar de programas de capacitação e sensibilização quanto à atividade turística, tendo o apoio de instituições públicas e privadas preocupadas com o futuro da comunidade que, a passos curtos, vivenciava o início de uma atividade econômica e social para a comunidade, o turismo.

O início da atividade turística no Tepequém foi bastante árduo, pois mesmo a comunidade percebendo que os recursos naturais e culturais são suas grandes riquezas, a mesma ainda não estava preparada, no que tange a infra-estrutura de apoio ao turismo, para oferecer um serviço de qualidade aos visitantes. Ao mesmo tempo, o perfil do turista que se desenvolveu durante esse período foi de encontro com os anseios da comunidade, pois as pessoas que visitavam o local, a maioria aventureiros, não tinham em mente que a única fonte de renda da população era o turismo, e assim não investiam seus gastos na própria comunidade, levando seu alimento e deixando apenas lixo.

Outra estratégia de ação para garantir a renda e emprego da comunidade, após a proibição do garimpo foi o Projeto de Piscicultura, onde foram criados grandes tanques naturais, herdados da ação do garimpo, para a criação de peixes regionais, com o intuito de vender para a própria comunidade, bem como nas outras localidades, tais como Vila Brasil e Pacaraima.

Aliado a este projeto, nasce também o Núcleo de Artesanato com a organização de moradores para a produção e venda de artesanatos com a utilização de matéria-prima local, como a pedra sabão e a madeira pau rainha. Segundo Bríglia (2005, p. 24) o processo de fabricação do artesanato teve sua origem numa prática de escultura de um garimpeiro da comunidade, que “percebeu a pedra sabão como uma matéria-prima para esculpir objetos (signos), e logo socializou as técnicas com outros companheiros da região”.

Ghedin (2006) aponta em seu estudo o papel do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio a Pequenas Empresas) em reunir a comunidade em prol do desenvolvimento de projetos de produção de artesanatos local (Figuras 07 e 08), a fim de ser comercializados nos hotéis da região, pois há muita visitação de estrangeiros no Tepequém.



Figura nº 07: Artesanatos em pedra sabão.
Fonte: Autora, 2009.



Figura nº 08: Jóias em pedra sabão.
Fonte: Autora, 2009.

Diante do exposto e da vocação natural para o turismo, percebe-se a importância de ter essa atividade aliada à participação comunitária no processo de planejamento, organização e gestão da atividade turística, pois, a participação e o grau de mobilização dos atores sociais se apresentam como principais responsáveis pela qualidade dos resultados finais dos projetos de desenvolvimento e pela conquista de sua auto-gestão pelos beneficiários (MENDONÇA, 2004).

Conclusões

A comunidade da Serra do Tepequém, de maneira contraditória às demais práticas turísticas em curso no Brasil e, cansada de esperar do Estado soluções para a melhoria da qualidade de vida, buscou o engajamento e a autonomia para o desenvolvimento de seu próprio turismo. Assim, o desafio se tornou realidade e, o discurso se expressou na prática.

Do resultado da aplicação destes instrumentos de pesquisa podem-se inferir algumas considerações como:

1. Em relação ao tempo médio de residência na serra, se pode perceber que a maioria dos habitantes é oriunda da comunidade original de garimpeiros que deu origem à vila; o que se pode perceber também, através das conversas não estruturadas com os moradores, é que, quem não é morador original do local, busca de alguma forma justificar sua estada ali, não por que veio em busca de “montar um negócio” para se beneficiar do ecoturismo, mas por

que seu pai ou avô foi morador do lugar e lhes deixou o terreno, enfim, nunca admitindo que comprou o terreno por preço desvalorizado de algum morador especificamente com o objetivo de montar um negócio.

2. A maioria tem conhecimento das atividades turísticas que ali se desenvolvem, conhecem os atrativos, desenvolvem uma atividade turística mas, subjetivamente, deixaram claro que não estão envolvidos ou conscientes de que seu lucro como empresário do local, depende da sobrevivência destes atrativos; em nenhum local visitado se pode perceber cartazes, folders, folhetos ou outro tipo de material de sensibilização do turista com informações, sugestões e orientações para serem distribuídos a eles. Isso nos leva a considerar que o trabalho de sensibilização deve começar primeiramente com os empresários locais, e depois com os turistas que visitam a serra.

3. Nota-se também que todos os empresários e a comunidade em geral são conscientes de que o benefício ou o retorno financeiro que o turismo traz para a comunidade é de suma importância, pois atualmente, é a principal (se não a única) fonte de renda dos moradores da Vila do Paiva, entendendo que este retorno financeiro é importantíssimo para a sua subsistência. Como resultado, se percebe as melhorias na infra-estrutura da comunidade, nas residências, no crescimento do número de reformas que estão acontecendo, no aumento do número de mercearias, restaurantes, padaria e dos meios de hospedagem, além do asfalto e do maior cuidado que se está tendo com a saúde e a educação na vila;

4. Quando se participa da vida cotidiana da comunidade, são constatados os conflitos existentes, a não homogeneidade de seus membros, mas, também, são observadas atitudes que freqüentemente expressam a estima elevada e alta confiança, além da crença que a comunidade irá alcançar os resultados esperados, traçados de forma coletiva, mesmo não tendo o apoio efetivo das instituições governamentais e apesar da limitada disponibilidade de recursos financeiros. Assim, a comunidade é o real sujeito de sua história.

5. Pode-se considerar que, quando a participação é disponibilizada aos membros de um grupo social de forma mais qualificada, ela distribui poder aos atores sociais. Quanto maior for a qualidade da participação, em termos de decisão política, maior será o poder compartilhado. Porém, a participação sem autosustentação é uma farsa. Assim, esta comunidade somente irá resistir à lógica do mercado, se sua emancipação for uma verdade também em termos de sustentabilidade econômica, social e política.

Assim, entende-se que o turismo, bem como a pesca e o artesanato ou outras alternativas econômicas que possam surgir, deve conduzir a comunidade à sua auto-sustentação também sob ótica econômica, para que não haja dependência extrema dos agentes externos. A auto-sustentação, sob essa ótica, se constitui em um dos elementos essenciais para a promoção do desenvolvimento local.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Edgard. Pesquisa social e monografia. Lavras: UFLA/FAEPE, 2003.
- BRIGLIA, Thiago. História e Cultura Garimpeira de Tepequém: produtos do ecoturismo. Trabalho de Conclusão de Curso, Boa Vista – RR, 2005.
- CERVO, A. L, BERVIAN, P. A, DA SILVA, R. Metodologia Científica. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall: 2007.
- DIAS, Reinaldo. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIMA, Érika Oliveira. Contribuições para o desenvolvimento do turismo local social: um estudo de caso em Carrancas – MG. Dissertação de Mestrado. Varginha, MG: 2005.
- GHEDIN, Leila Márcia. Plan de gestión comunitaria del turismo para la Sierra de Tepequem, municipio Amajari, Estado Roraima-Brasil. Dissertação de mestrado. Maracaibo, Marzo de 2006.
- MELO, Edileuza Carlos de; ALMEIDA FILHO, Raimundo. Mapeamento de Áreas Degradadas Pela Atividade de Garimpos na Região da Serra Tepequém (RR), Através de Imagens Landsat-TM. Anais VIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Salvador, Brasil, 14-19 abril 1996, INPE, p. 639-645.

Turismo e identidade cultural: a participação comunitária no desenvolvimento local da Serra do Tepequém – Amajari – Roraima

Eweline Mikaely Gomes Monteiro, Érika Oliveira Lima

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. 'Turismo e participação comunitária: Prainha do Canto Verde a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não Secou?’. Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes. A herança dos descaminhos na formação do estado de Roraima. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 2003.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Yolanda Flores e. Pobreza, violência e crime – conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social. In: BANDUCCI, Álvaro Jr e BARRETO, Margarita (orgs). Turismo e identidade local: uma visão antropológica. São Paulo: Papyrus, 2001.

SOUZA, Nadson Nei da Silva de. Alternativa Ecoturística bajo los lineamientos de Sostenibilidad para la Comunidad Indígena de Nova Esperanza – Estado de Roraima – Brasil. Santa Ana de Coro, 2005.

SWARBROOKE, John. Turismo Sustentável meio ambiente e economia. São Paulo: Aleph, 2000.